

Guilherme Bizzi Guerra¹

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: Este artigo analisa a novela *Quatro negros* de Luís Augusto Fischer, publicada em 2005, e que traz para o debate as condições de pobreza que ainda existem no Rio Grande do Sul, mas também destaca a possibilidade de superação do ser humano. O estudo toma como ponto de partida a personagem, teoricamente, para, a partir dela, discutir a importância da mulher e da sua capacidade de luta e de esperança.

PALAVRAS CHAVE: *Quatro negros*; personagem; mulher.

ABSTRACT: This paper analyzes a novel *Quatro negros*, of Luis August Fischer, published in 2005, and that it brings for the debate the conditions of poverty that still exist in the Rio Grande do Sul, but also detaches the possibility of overcoming of the human being. The study the personage takes as starting point, theoretically, for, from it, to argue the importance of the woman and its capacity of fight and hope.

KEYWORDS: *Quatro Negros*; character; woman.

Introdução

A força de vontade diante de dificuldades é característica notável em poucas pessoas. Janéti, de *Quatro negros*, é exemplo de superação, protagonizada por um ser fictício, uma personagem, ao ser inserida em uma nova sociedade, ainda que, de imediato, o narrador afirme que a sua história é baseada em fatos reais livremente ficcionalizados.

Diante de dificuldades sociais, econômicas enfrentadas pela família e a esperança de uma vida melhor na região metropolitana, os pais de Janéti, que haviam dado os filhos para adoção, abandonam o interior de Caçapava do Sul, para residir na periferia de Porto Alegre. Janéti, que retornara de duas adoções frustradas, consegue reunir os irmãos e, na pequena parada de ônibus, além do pai, da mãe e da irmã mais nova, encontra-se aquela família que havia sido separada pela necessidade, pela fome, pelas dificuldades impostas pelo meio de vida e pelas limitações de toda ordem enfrentadas pelos pais da protagonista.

¹ Acadêmico do primeiro semestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Texto desenvolvido como parte da avaliação da DCG Literatura Sul-Rio-Grandense, sob orientação da professora mestre Elaine dos Santos (Bolsista REUNI).

Neste ponto, é interessante notar uma possível relação com a família de João Guedes, de *Porteira Fechada*, obra do escritor Cyro Martins, que integra a *Trilogia do Gaúcho A Pé*, relação que será exposta no decorrer do presente trabalho. Ao mesmo tempo em que procede à crítica social, Luís Augusto Fischer explora o ponto forte do ser humano, no caso, de Janéti. Dela, a família passa a depender. Ela lutou, ela quis um mundo justo, um mundo de “Janétis”.

No presente trabalho, faz-se a análise da novela *Quatro negros*, de Luís Augusto Fischer, lançada em 2005, que conta a história de quatro negros que residiam ou residem no interior de Caçapava do Sul, metade sul do Rio Grande do Sul, tradicionalmente, associada à pecuária extensiva, ao latifúndio, à exploração da mão de obra barata.

No primeiro segmento do texto, retomam-se alguns conceitos clássicos a respeito da estrutura textual, dando-se ênfase à personagem e, a partir dela, derivando, no segundo segmento, a análise específica da novela de Fischer, em especial, a personagem Janéti.

II. *Quatro Negros*

Janéti que era pra ser Janete, Seu Sinhô que ganhou o apelido do avô ex-cativo, Airton que modernizou seu nome para Jorge, Rosa que nasceu Rosi. Quatro negros, por acaso; quatro negros seres humanos também por acaso [...] (FISCHER, 2005, p. 107)

Quatro negros, de Luís Augusto Fischer, narra a história da família de Janéti que, no começo da trama, morava no interior de Caçapava, “numa região erma, um distrito longínquo de uma cidade pampiana secundaríssima” (FISCHER, 2005, p. 9). Família pobre que vivia num pedaço de terra muito pequeno, na encosta de um morro, ao qual as pessoas não tinham acesso. Os filhos, alguns meses depois de nascerem, eram dados para alguém da vizinhança com a esperança de que tivessem uma vida melhor. A terra não era cultivada e a família sobrevivia em virtude das ações da natureza. Depois de algum tempo, o casal decidiu morar em Porto Alegre, mais especificamente na periferia da cidade. Janéti, personagem de sustentação da história, reúne os seis irmãos para a surpresa dos pais.

Arelada à história de Janéti, aparece Seu Sinhô, um gaúcho que segue a tradição a risca, “[...] um negro que teria, quando eu o conheci, seus 60, 65, talvez [...] (FISCHER, 2005, p. 42). Natural de Caçapava, aprendeu com a vida e sempre viveu no interior, apesar de ter visitado, duas vezes, a capital do Rio Grande do Sul. A primeira, quando acompanhou o próprio pai na internação no hospital; a segunda, em companhia do narrador. A partir daí, o

narrador apresenta outros dois irmãos de Janéti: Airton, que abandonou a família aos 17 anos e passou a chamar-se Jorge, conquistou novo nível social e era muito influente ao desempenhar suas funções como Diretor de Relações Públicas de Escola de Samba; e Rosa, ou Rosi, sempre com um sorriso no rosto e a única filha, a mais nova, que seria levada, pelos pais, para a cidade.

Ao finalizar a narrativa, o narrador estabelece um paralelo entre os quatro negros, marcados por adversidades. É uma história marcada pela crítica social, mas também é uma história de vida, superação e conquistas.

2.1 Considerações estruturais

Quatro negros é uma obra composta por cinco capítulos que podem ser vistos independentes uns dos outros, exceto o primeiro, que conta a história de Janéti e tem continuação no início do segundo capítulo, quando o narrador apresenta Seu Sinhô. Enquanto Janéti adapta-se ao modo de vida urbano, Seu Sinhô permanece ligado ao campo, ou seja, o seu vínculo com o lugar em que vive não se rompe. Seu Sinhô é o gaúcho que aprendeu com a vida, arraigado à cultura pampiana. Acostumado com o campo, depara-se com uma situação totalmente diferente ao frequentar a casa do narrador, quando deixa a chaleira d'água no canto do fogão a gás: “Um velho derrotado pela técnica moderna [...]” (FISCHER, 2005, p. 59)

Para Cláudio Moreno “[...] Janéti é uma heroína moderna, decidida, que resiste ao mundo que se desagrega à sua volta” (MORENO, 2005, s/d). Desde o momento em que foge da casa dos pais adotivos, mostra-se uma guerreira ao não querer que a família se desmanche. Quando reúne os irmãos para que se realize a transferência familiar para Porto Alegre, mesmo diante das dificuldades da família, mostra que é capaz de lutar pela sobrevivência dos pais, juntamente com os irmãos.

Além das histórias de Janéti e de Seu Sinhô, o leitor conhece, no terceiro capítulo, Airton, irmão de Janéti que se adaptou rapidamente à cidade e, após vários anos, visita os pais com o nome Jorge, o qual, segundo o narrador era “[...] capaz de engambelar muitos com o seu sorriso e incapaz de esconder, especialmente nos olhos, uma tristeza descomunal [...] uma tristeza sem cura [...] enxerguei nele um suicida” (FISCHER, 2005, p. 74/75). Tempos depois, após receber a notícia de que seria pai e fazer uma visita os pais sua família, Airton/Jorge encontra a morte.

Rosa, irmã de Janéti e registrada em documentos como Rosi, compõe o conjunto de quatro negros que dá título à obra. De acordo com o narrador, Rosa “era uma figura bonachã,

gorda, e na altura em que a conhecia já não tinha vários dos dentes” (FISCHER, 2005, p. 89) sendo que Rosa trabalhou na casa do próprio narrador. Do pouco que se conhece da história de Rosa, o narrador insere, na narrativa, a sua “visão”, no capítulo dedicado à Rosa. “Eu posso muito bem propor aqui um veio de impressionante horror para o passado da Rosa [...]” (FISCHER, 2005, p. 92/93). Neste ponto, o narrador acredita que Rosa possa ter sido molestada pelo pai, em virtude de ser a filha mais querida, a filha que, desde o nascimento, fora a única que os pais quiseram manter por perto – contudo, ao leitor, o espaço de uma suposta intervenção física do pai permanece interdito, dissolvendo-se entre imagens que mesclam preocupação de Janéti, dúvidas do narrador e um clima de mistério, entre sonho e realidade. Além deles, há os quatro irmãos de Janéti: Antão, menino de temperamento briguento; Ramirez, menino calmo, vigia noturno que, na cidade, associa-se a um Centro Tradicionalista para manter o vínculo com a terra em que nasceu e com as tradições que conheceu na infância; Cleci, dona-de-casa que se mantém afastada dos pais; e Valdeci, que apesar do nome masculino é a penúltima filha do casal e a primeira a se tornar motorista de transporte urbano no estado.

No capítulo dois, são citadas as filhas da Janéti que eram “[...] moças por assim dizer da cidade, civilizadas [...]” (FISCHER, 2005, p. 41) e não aproveitaram a viagem para conhecer a terra da mãe. As duas jovens estão alheias ao mundo de miséria que constitui o passado da mãe, da mesma forma que abrem um questionamento: quem é o pai das duas jovens? Que tipo de vida foi adotado por Janéti no meio urbano? Vale ressaltar, ainda, a importância do amigo filósofo do narrador, que o apresentou ao Seu Sinhô e ao mundo interiorano, tão diverso daquele que o narrador parece dominar. Durante alguns “causos” contados pelo seu Sinhô, ele rememora um instrumento tocado pelo avô, mas não sabe explicar que instrumento era – o aricungo. Durante a visita a Porto Alegre, em companhia do narrador, Seu Sinhô encontra Piauí, negro também, que toca o popular berimbau e é responsável pela lembrança de Seu Sinhô, ou seja, ele recorda o instrumento que o avô tocava. “Pois chega o Piauí com o berimbau [...] o Seu Sinhô levanta da cadeira, aponta o dedo e diz: ‘O aricungo!’ [...]” (FISCHER, 2005, p. 62). Sob certo aspecto, este fato permite inferir que a cultura africana disseminou-se pelo Brasil, ainda que a nomenclatura fosse diferenciada, as tradições dos antigos escravos mantiveram-se independente da região brasileira ocupada pelos afrodescendentes.

A narrativa que transita entre o espaço interiorano, miserável, que corresponde ao passado de Janéti e o espaço urbano, a região metropolitana, o presente da narrativa, é conduzida por um narrador em primeira pessoa que, de imediato, apresenta-se como um

prosador conhecido, mas que, até então, jamais contara uma história tão apaixonante, tão digna, tão humana. “Eu escrevi muita coisa, tu sabes, mas tem uma que eu deveria ter escrito e não tive talento, ou paciência, ou sabedoria suficiente [...]” (FISCHER, 2005, p. 7).

Este mesmo narrador, que teve a oportunidade de transitar pelo interior caçapavano, origem da família de Janéti, traz informações de cunho social que permitem a reflexão do leitor a respeito do ambiente em que, anos antes, Janéti nasceu e foi criada. Trata-se de uma sociedade passiva, afeita às tradições do homem branco, grande fazendeiro. Uma das passagens que chama a atenção a respeito da visão do mundo daqueles pequenos proprietários rurais diz respeito a uma infestação de morcegos, considerando-a um processo rápido, que mataria um ou dois animais – dos poucos cinco a dez cabeças de gado que possuía -, despertando a indignação do narrador.

Tu entendes o horror disso? O sujeito achava que era só esperar passar aquele momento. Morriam duas vacas? Paciência, pensava ele. Pensava como se tivesse quinhentas cabeças, mil, duas mil. Só que ele tinha umas dez, no máximo doze! [...] (FISCHER, 2005, p. 19).

Há uma passagem que também merece destaque e que demonstra a acomodação em que viviam aquelas famílias, no interior de uma cidade da metade sul do estado, a falta de expectativa, a incapacidade de reação, enfim, uma forma de acomodar-se e sobreviver ao meio, valendo-se dele para satisfazer necessidades básicas de um ser humano, como a própria alimentação.

Pois a família da Janéti era dessas: pobre, com dificuldade até para comer, mas ninguém se lembrava ou se dava o serviço de plantar regularmente verduras, árvores frutíferas, qualquer coisa. Lá de vez em quando dava pêssago, laranja, porque a natureza toma certas providências sozinha [...] (FISCHER, 2005, p. 13)

Deve-se salientar que o narrador conta a história no tempo presente, lançando um olhar ao passado e analisando, sob o seu ponto de vista, branco, esse passado. O capítulo dois, por exemplo, termina com o reencontro de Seu Sinhô com o “aricungo”. Após esse episódio, o narrador afirma:

Entendeu por que é que eu acho o fim da picada alguns escritores e acadêmicos deste nosso tempo defenderem suas convicções tolas de que não há mais o que contar e não sei o que mais? Mas tchê, o mundo continua cheio de mistérios! (FISCHER, 2005, p. 63)

Dessa forma, fica clara uma posição firmada: há histórias para serem contadas, há vidas para serem resgatadas, há uma cultura que se mescla, que se confunde e que, por vezes, leva ao encontro de personagens – reais ou fictícios – que se desnudam, que se apresentam em sua simplicidade e que, ao narrador, podem render histórias ricas, de aprendizagem, de superação.

Um dado, que ainda pode ser acrescentado, relaciona-se ao constante espaço de pobreza, mas, o que muda, neste caso, é a luta, é a esperança em um estilo de vida melhor, que se construa pelo trabalho, pela convicção de que é possível mudar.

O primeiro e o segundo capítulos da novela acontecem no interior de Caçapava do Sul. Segundo o narrador, Janéti “era filha de uma família pobre, interiorana. Mas interiorana mesmo, moradores de lugar ermo, distante [...] Uma região de serra, mas sem nenhum charme [...]” (FISCHER, 2005, p. 8). Ainda caracterizando a região em que a família de Janéti morava, o narrador utiliza alguns relatos de geólogos, ao afirmar que a região era “muito dobrada, com muitos altos e baixos, com cerros e penhascos [...] não tinha valor comercial [...]” (FISCHER, 2005, p. 16). Vale lembrar que a família vivia num pedaço de uma estância. O segundo capítulo, em que nos é apresentada a história de Seu Sinhô, passa-se no mesmo lugar longínquo e ermo.

A partir do terceiro capítulo, tem-se a inserção da história no ambiente urbano, mas não menos miserável que o interior de Caçapava. No capítulo três, quando o narrador escreve “[...] na vila pobre da Grande Porto Alegre [...]”, refere-se ao lugar em que Jorge morou com a família. Mais adiante, na narrativa, mencionam-se as cidades-operárias ou cidades-dormitórios, referência que é clara às localidades que a população oriunda do êxodo rural estabelecia-se. Se a miserabilidade era a nota que os marcava nas terras distantes, não apropriadas para a agricultura, no ambiente urbano, o que parece mudar é a expectativa de vida, a chance do trabalho, do sustento aos pais, incluindo melhores condições de saúde.

III. Entre a crítica e a narrativa

A personagem é o mais importante na narrativa, pois é dela que surgem as histórias e é em torno dela que as histórias são desenvolvidas. Reuter (2004) anota: “As personagens [...] determinam as ações [...] e dão sentido a elas. De uma certa maneira, toda história é história das personagens [...]” (REUTER, 2004, p. 54).

Candido (2009, p. 53/54), neste sentido, reafirma:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (p. 53/54) **[Grifos meus]**

Assim sendo, para que haja a ação, na narrativa, é necessário que se articulem enredo, tempo e espaço, e que existam personagens, ou seja, os atuantes para a ação. Num dos comentários de Antonio Candido (2009), é possível identificar a importância das ideias de Aristóteles e sua referência à chamada de verossimilhança interna, conforme esclarece Candido (2009, p. 54): “[...] a personagem pareça o que há de mais **vivo** no romance, e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor [...]”.

Assim entendidas, as ações das personagens levam à aceitação, por parte do leitor, de fenômenos e/ou fatos presentes na narrativa, isto é, a verossimilhança interna é responsável pela aceitação do leitor ao que acontece na obra. Candido (2009, p. 55) afirma:

A personagem é um ser fictício [...] e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial [...].

Dessa forma, é possível perceber que as personagens são responsáveis pela manutenção da história, são como “embriões” que fazem a narrativa surgir e progredir. É através das personagens – atuantes – que o enredo desenvolve-se. Neste caso, cabe inserir Janéti, personagem principal da trama de Fischer, fazendo-se responsável pela sustentação da história.

Janéti é a personagem responsável pela união da família, mesmo em situações complicadas, quando mantém um contato silencioso com os irmãos adotados, ou quando organiza a transferência daquele arremedo de família para Porto Alegre. E mesmo depois de anos, os pais de Janéti ainda dependem da filha:

Eu olho pra Janéti, que me sorri [...] um sorriso de quem coloca a alma no rosto, nada a esconder, toda a intensidade viva nas linhas da cara [...] **Ela me contou orgulhosa que hoje em dia é ela que sustenta o pai e a mãe [...]** (FISCHER, 2005, p. 39). **[Grifos meus]**

Janéti nasceu e, alguns meses depois, foi levada para uma família adotiva. O apego à mãe, a fez fugir da nova casa e voltar para os pais, ainda que não desejasse ser recebida pelo seu pai. Entregue, novamente, a outra família, ela persiste e retorna ao mísero lar da família, em que ela era mãe, irmã, agregadora das esperanças, mas se apresenta sozinha, como sustentação daqueles que ela ama. Quando os pais chegam à cidade, sem qualificação para o trabalho, é Janéti que sai em busca de emprego para sustentar os familiares. Nota-se a falta de relação entre os pais e os filhos, devido à separação quando eles ainda eram pequenos. “Os pais [...] eram como covardes e [...] por mágica da própria Janéti, tinham sobrevivido como uma família [...]” (FISCHER, 2005, p. 39), uma vez que reunindo a família e criando laços afetivos entre eles, havia o desejo íntimo da formação de uma família.

A solidão de Janéti é reforçada por uma passagem, que merece destaque, conforme se observa nas considerações do narrador: “O que é a família dela? É ela e seu amor, meu caro, e nada mais. O resto é o acaso da história” (FISCHER, 2009, p. 39).

Fischer não propõe apenas a crítica social do modo de vida no interior de Caçapava do Sul ou em tantos rincões miseráveis que se espalham pelo pampa, mas propõe uma reflexão sobre a esperança e sobre o desejo de melhorar as condições de vida, conceder dignidade a si mesmo e ao outro. “Ao contar a história de Janéti, ele [o autor] reflete sobre a falta de esperança ao mesmo tempo em que a esperança norteia toda a narrativa [...]” (SANTOS, 2009, p. 99).

A esperança que norteia toda a narrativa centra-se na figura de Janéti, desde o momento em que reúne a família, “[...] rebelde e autônoma, trazendo consigo os cinco outros irmãos que haviam sido dados [...] com quem manteve o laço do afeto irracional e primeiro, mais de mãe que de irmã” (FISCHER, 2005, p. 34/35) e, mesmo que a vida na cidade seja duríssima, Janéti acredita que tudo ficará bem, poderá mantê-los vinculados, conceder-lhes uma vida melhor daquela que lhes esperava no interior caçapavano.

É neste ponto, em que se trata de esperança, entendendo-se Janéti como a própria esperança da história e, a partir daí, faz-se possível estabelecer uma relação com João Guedes, personagem da obra *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. João Guedes, ao ter que deixar o pedaço de terra que ocupava, vai para a cidade sem esperanças, uma vez que está apenas acostumado às lidas do campo e os seus conhecimentos restringirem-se a isso, falta-lhe a esperança que anima Janéti. Com o tempo, Guedes submete-se ao furto de ovelhas e, quando percebe que não há expectativa de melhoria, opta pelo suicídio, falta-lhe força para reagir, esperança para seguir adiante. A morte de Guedes traz à cena Maria José, sua esposa, que, diferente de Janéti, parece incapaz de reagir sem o apoio que vem da prima, Querubina, enquanto a protagonista de *Quatro negros* encontra apenas em sua história e em sua vontade

formas para sobreviver: reúne a família, cuida dos pais e, ao que tudo indica, assume os papéis de homem e mulher da casa. Se assim for, a narrativa de Fischer acena para a possibilidade de superação das adversidades, diferente de Guedes que opta pela morte. Ressalve-se, porém, que são contextos históricos diferentes, ainda assim, o grau de pobreza, de desesperança não se modifica de modo significativo.

Considerações finais

Herdeira da tradição romanesca de 1930, em que a crítica social era a marca dominante em um período em que apareceram personagens como Guedes, protagonista de *Porteira Fechada*, de Cyro Martins, a novela *Quatro negros*, de Fischer, além de trazer à cena um grupo de negros, de uma região pobre, sem expressão, consegue, através da protagonista, Janéti, narrar uma história de esperança.

A personagem Janéti, que movimenta a narrativa, muda a trajetória dos irmãos, que, pelas ações dos pais, viveriam separados, alienados a respeito da história dos demais. Ela reúne aquela família esfacelada e os pais, contrariados, levam os filhos, que haviam legado aos estranhos, para começarem uma nova vida. A esperança de Janéti, dessa forma, está presente desde os primeiros parágrafos, em que a mulher encontrada pelo narrador passa a contar a sua história, uma história digna, de coragem e determinação. Entrecruzando tempo e espaço, passado e presente, meio rural e meio urbano, o narrador põe em evidência a mulher que norteia as ações, mas também salienta a diversidade social, econômica que marca a nossa sociedade e que faz alguns desistirem da luta – conforme já se mencionou, é o caso de Guedes, o gaúcho a pé, que abre mão da sua tradição, da sua vida quando contraposto com o universo urbano.

O que seria do mundo se existissem “Janétis”? A realidade que, está subjacente ao texto narrativo e que fundamenta a história ficcional tende a reforçar ao leitor as dificuldades enfrentadas pelas pessoas oriundas do campo, que não têm habilidades para o trabalho na cidade e, sem condições, passam a habitar a periferia das cidades, mas que não desistem, conformam-se em exemplos de luta, confiança, esperança.

A vida é maior que a morte; a vida é uma doença letal e transmissível;
a vida é esta maravilha irrecusável; a vida é a Janéti abrindo o coração para
acolher mais gente ainda, porque sabe, sem palavras, que amor é sempre

mais, sempre cresce, não entra em conta de divisão, para quem ama tão do fundo de si (FISCHER, 2005, p. 85).

Assim sendo, além do prazer, da fruição que o texto literário proporciona ao leitor, o texto de Fischer e sua protagonista Janéti enfatizam a importância da luta, da superação, da crença na condição humana. Personagem, Janéti, e pessoa, Claudéti, conforme explicita Fischer, mesclam-se, no texto narrativo, para, uma vez mais, mostrar que a literatura é meio de expressão e que, além de espaço, tempo, personagens que se articulam, há a possibilidade de descobertas de universos, por vezes, desconhecidos, mas ricos em humanidade.

Referências

Candido, A. *et. al.*. **A personagem de ficção**. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Fischer, L. A. **Quatro negros**.. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Moreno, C. “Apresentação”. IN: Fischer, L. A. **Quatro negros**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Reuter, I. **Introdução à análise do romance**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Santos, E. dos. Eles são gaúchos, negros e pobres: *Quatro negros*. **Revista Urutágua. Revista Acadêmica Multidisciplinar Nº 18** – mai/jun/jul/ago. 2009. Paraná, Brasil.